



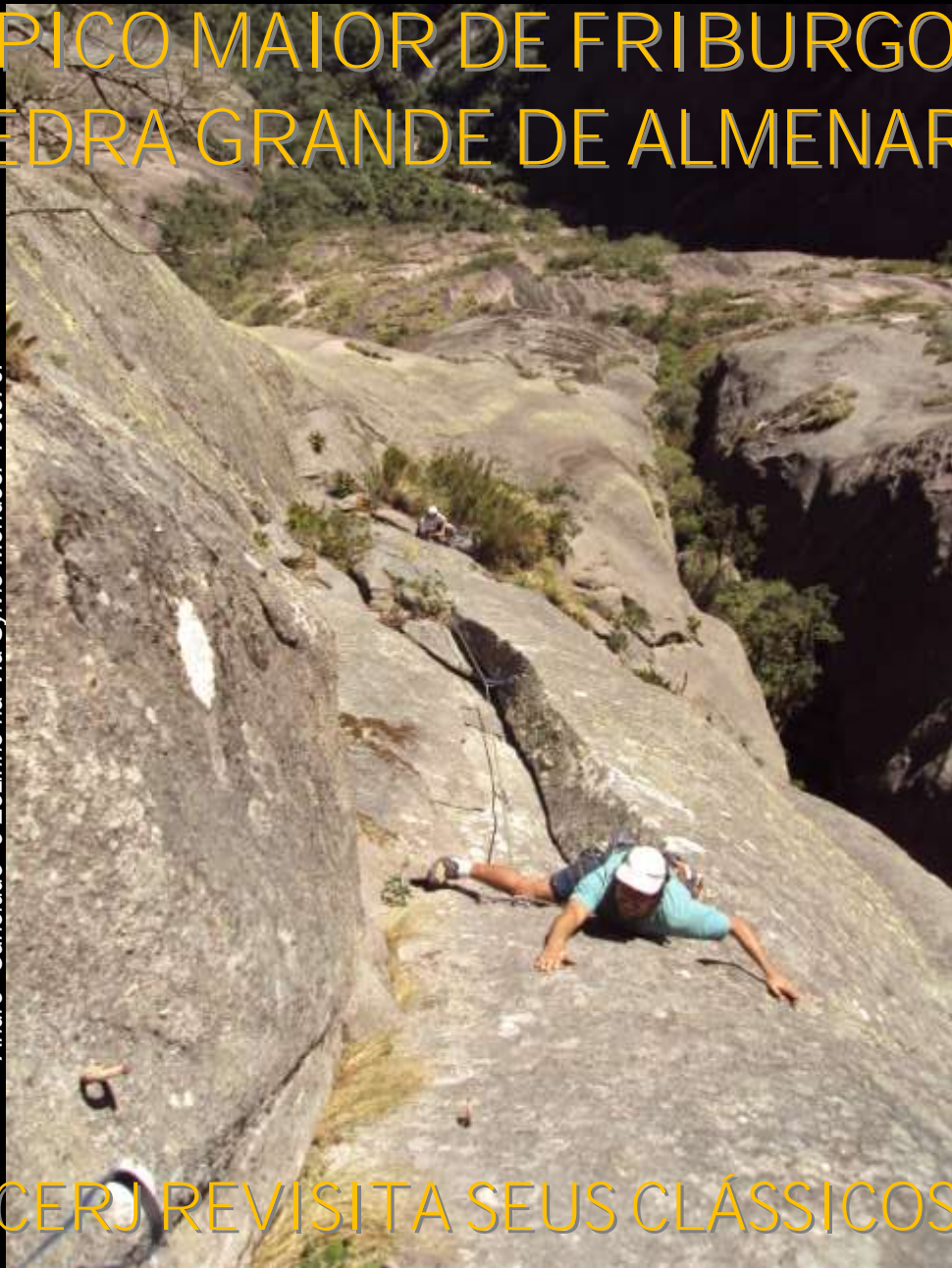
CERJ Boletim

Ano 72 - Número 650 - setembro e outubro de 2011

Impresso

PICO MAIOR DE FRIBURGO PEDRA GRANDE DE ALMENARA

André "Caheludo" e Zezinho na Via Sylvio Mendes. Foto: JP



O CERJ REVISITA SEUS CLÁSSICOS...



EXPEDIENTE 2011

Presidente:

Gustavo Iribarne

Vice-Presidente:

José Carlos Muniz Moreira

Secretárias:

1- **Márcia D'Ávila**

2- vago

Tesoureiras:

1- **Monica Esteves**

2- **Karina Mota**

Diretor Técnico:

José de Oliveira Barros

Supervisão Técnica:

Henrique Menescal

Rafael Villaça

Diretor Social:

Roberto Schmidt

Auxiliar Dir. Social:

Salomyth Fernandes

Diretor de Ecologia:

Carlos Carrozzino

Diretor de Divulgação:

Luiz Antonio Puppim

Conselho Deliberativo

Presidente:

Nino Bott de Aquino

Conselho Fiscal:

Maria Genoveva Von Hubinger

Jana Menezes

Iara Anibolette

Boletim Informativo do CERJ

Diagramação: Waldecy Lucena

Os artigos assinados não representam necessariamente a posição da entidade. É permitida a reprodução dos artigos desde que citada a fonte.

Escalar é um esporte de risco.

Neste boletim, há duas matérias que tratam de vias clássicas/históricas que foram revisitadas por associados do CERJ: A “Sylvio Mendes” no Pico Maior de Friburgo e a Pedra Grande de Almenara, em Minas Gerais. É de suma importância que o CERJ mantenha e visite suas vias pois cada uma delas conta um pouco da história de nosso clube.

E não para por aí: O Centro Excursionista Petropolitano irá regrampear o Paredão Amizade e o cabo de aço da Passagem CER (Olhos da Gávea) terá um trecho seu trocado.

Em outras três matérias o foco são as caminhadas, excursões que tanto agregam os associados. E está prevista para final de outubro, a já tradicional praia-na do CERJ: Ilha Grande.

O mais importante disso tudo é o CERJ presente nas montanhas, quer caminhando, quer escalando...kmonnnn!!!

Waldecy M. Lucena

Programação

DATA	ATIVIDADE	LOCALIZAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO	GUIA
04/set	MUTIRÃO ECOLÓGICO	PÃO DE AÇUCAR	ECOLOGIA	SÁVIO/HENRIQUE
04/set	MORRO DO PALMARES	PETRÓPOLIS	CAM. LEVE	MIRIAM BAMO
06/7/set	MULHER DE PEDRA (QUEIXO)	PETP	CAM. PESADA	WAL
24/set	TRAVESSIA (VIA PICO GLÓRIA)	PNSO	CAM. PESADA	WAL
02/out	MUTIRÃO ECOLÓGICO	PÃO DE AÇUCAR	ECOLOGIA	SÁVIO/HENRIQUE
8/9/out	FESTA DA PRIMAVERA (SALINAS)	MASCARIM	SOCIAL	ROBERTO SCHMIDT
15/out	TORRE PRINCIPAL BONSUCESSO	PETP	SEMI-PESADA	MIRIAM BAMO
16/out	PAREDÃO TAMAU	CABRITOS	4º GRAU	RAFAEL VILLAÇA
16/out	PAREDÃO ANTARES	CABRITOS	3º GRAU	CARRÕ
22/23 out	ILHA GRANDE	ILHA GRANDE	MARITIMA	WAL
25/out	ENCONTRO DE VETERANOS	C.E.B.	SOCIAL	CLAUDIO ARANHA

ANIVERSARIANTES DO MÊS

Setembro

- 03 – Iara Anniboleté
Waldinar Menezes (Vavá)
- 10 – Carlos Russo
Sergio Murilo
- 13 – Etzel Von Sotckert
- 14 – Giuseppe Pellegrini
José Bezerra Garrido
- 15 – Haroldo Sprenger
- 17 – Lorena de Almeida
- 20 – Cláudio Leuzinger
Valdemar Hugo Zelazowski
- 21 – Luiz Antonio Puppim
- 23 – Karina da Silva Mota
- 24 – Cristiana Pompeo (Kika)
- 25 – Cíntia Guimarães Morgado
- 26 – José Carlos Lemos Moraes
- 27 – Júlio César Mello
- 30 – Joffre Telles de Almeida
Pedro Bugim Ruel Vergano

Outubro

- 02 – Ana Paula Paiva Almeida
João Paulo P. Fortes (JP)
- 03 – Andre dos Santos Martins
- 08 – Liane Leobons da Silva
Dorival Suriano Santos Junior
- 09 – Claudia Levy
- 10 – Larissa de Siqueira Fernandes
- 11 – Marina Teixeira de Mello
- 17 – Alexander Georgiadis
- 20 – Julia Médiçi Poubel
- 21 – Ricardo Giannoni
- 24 – Ana Fucs
Rafael Villaça
- 26 – Josué Poubel Bastos
- 27 – Gustavo da Silva Iribarne Martins
- 28 – Ricardo “Draga” Daher
Paulo César Machado (Pablito)
- 29 – Renato Pereira do Nascimento



PICO MAIOR DE FRIBURGO VIA SYLVIO MENDES

POR JOÃO PAULO (JP)

O Pico Maior de Friburgo é considerado por muitos a “Meca” do alpinismo nacional, suas enormes paredes contribuem para a beleza única de suas escaladas. É preciso muito respeito, técnica, sabedoria e entrosamento dos escaladores para que tudo corra bem conforme o planejado.

Particularmente não possui um biotipo bom para escaladas esportivas com elevado grau de dificuldade, pelo contrário o que me motiva são as escaladas clássicas como por exemplo a Stop e a Passagem dos Olhos. Escalar essas vias é como participar de uma intensa aula prática sobre a história do esporte, sobre a evolução dos estilos e técnicas de conquista. Em particular essas duas vias, apesar de serem estilos completamente diferentes (**chaminé vertical e escalada em agarras na horizontal**) possuem algo em comum, um protagonista, visionário e principal responsável pelas mesmas, o grande escalador Silvío Joaquim Mendes. Silvío Mendes era um guia do CERJ e um dos principais, senão o maior conquistador dos anos 40. Dentre tantas conquistas de peso, destaco a conquista do Pico Maior, por uma linha que hoje recebe o seu nome. Muito motivados partimos em duas cordadas de dois JP/Rodrigo Show e Kabeludo/Zezinho.

A caminhada até a base da via percorre a mesma aproximação da via Rodolfo Chermont no Capacete, depois segue em curva de nível até colar no Pico Maior. Percorremos esse trecho em 1 hora e 20. Pequena pausa para relaxar, tive o privilégio de iniciar a escalada. Esse primeiro trecho é um AO técnico que deve ser escalado com o apoio de estribos. Subi sem eles e passei alguma dificuldade para transpor um dos últimos lances, armei a segurança do Show que superou o lance e tocou até o final do primeiro esticção. Na maioria das vezes foi necessário subir até o último degrau do estribo e também pisar no grampo ou laçar o próximo para progredir.

Superado esse lance chegamos na base das vias da Face N do Pico Maior (como a Abracadabra e a Cidade dos Ventos) tiramos os equipamentos e fomos caminhando em direção a base da nossa via situada na face W. Era a minha vez e assim iniciei a escalada do enorme grotão linha essa que visualizada a partir da Caixa de Fósforos (outra conquista de Silvío Mendes) **representa o menor e “mais fácil” trajeto** para galgar o cume do Maior. Esse grotão é

irado, uma verdadeira escalada de aventura com trepa-pedra, chaminés médias, passagens em tesoura, apoio em árvore e afins. Show iniciou o próximo esticção que começa em AO, emenda em agarras e termina numa caminhada por dentro do Grotão até a base de uma chaminé em diagonal. Minha vez de guiar, fizemos chaminé /canaleta em diagonal para a direita, esse lance lembra a Chaminé dos Estudantes nas Agulhas Negras. Após a chaminé subi 3 grampos em AO e parei para trazer meu amigo. Show guiou o próximo esticção, novamente em AO em diagonal para esquerda, parou 30 metros acima ancorado num grande platô vertical. Consegui livrar esse lance mas a qualidade da rocha não é boa aqui, com corda de cima tudo fica mais fácil.

Esse lance foi o mais demorado e como a via é Face W, àquela hora o Sol a pino esquentava nossas cabeças. Era preciso racionar água, bateu um cansaço, desânimo e pensamento coletivo de abortar a escalada. Esse lance também marca a saída em definitivo do grotão.

Felizmente não desistimos, parti em horizontal para a direita, lance fácil de aderência e que depois toca pra cima iniciando um belo sistema de fendas e lacas onde fizemos uso



de alguns camalots para proteger. Essas proteções podem ser ignoradas pois existem potentes grampos de ½ bem ao lado das fendas. Fui até um confortável platô, fiz a parada e rapidamente veio o Show que na sequência iniciou a guiada do próximo lance, pra não perder a prática mais um A0. Após subir uns quatro grampos, novamente emendou numa bela fenda vertical perfeita para móvel, mais um pouco acima armou a parada e me puxou. Mais um lance em aderência que emenda num A0 e conduz até a base da Chaminé da Fome. O destino guardou esse lance para o Show guiar. Conversamos um pouco e concluímos que a melhor forma de fazê-lo é de frente para o Pico Maior, entalando apenas o braço direito na chaminé e fazendo uso de diversas agarras de pé espalhadas pelo caminho. O crux é aqui, um esticão de uns 8 metros onde o Show usou um Big bro e um Camalot 5 para proteção. Após o crux, ainda sobre um pouco e novamente mais um lance de A0.

Ao chegar na última parada antes do cume já eram 15:45, decidimos que iríamos descer pela própria via. A descida pela Cidade dos Ventos é muito mais bonita, prática e rápida no entanto se a corda prender a situação pode complicar e talvez seja necessário dormir na parede.

Parti para o último esticão, o último A0 que emenda num belo lance de aderência e agarras e termina nos costões finais para o cume. O Vale dos Frades aos nossos pés iluminado pelo Sol do final de tarde compunha um cenário mágico. Nesse momento ficamos em silêncio e contemplamos o voo de urubus e andori-



nhas. Alguns escaladores no cume do Capacete também se comunicaram conosco. Estávamos cansados, um pouco desidratados e muito felizes com o nosso feito. Nos alimentamos, fomos para o cume e iniciamos uma longa sequência de fotos e vídeos, aproveitando cada segundo daquela luz laranja, perfeita para fotografia. Eeeeeoooo pra todo lado...

O Sol se pôs, iniciamos a descida pela via que no escuro se revela um pouco mais macabra. Aquele grotão escuro parece um buraco negro intergaláctico e o ministério da saúde adverte sobre os grandes riscos de um vacilo naquelas condições. Finalizado o rapel já era possível relaxar um pouco e ver a luz da lua cheia iluminando o Capacete, um momento especial. Ao chegar no último rapel mandei um "êeeeeooo" para os amigos no Mascarin e rapidamente fui respondido. O André comentou que foi um alívio escutar o nosso chamado e poder ver uma a uma as quatro lanter-



nas no colo entre o Pico Maior e o Capacete. Já eram 20:00 e o pessoal no abrigo estava um pouco apreensivo por nossa conta.

Pausar para curtir o visual dos vales e do Pico



Maior em noite de lua. Primeiro o Cruzeiro do Sul e pois a constelação de Escorpião brilhantaram a noite. O pensamento fixo agora era descer a trilha com cuidado e caminhar direto para o abrigo. Estávamos com muita sede e alguma fome. Chegando lá fomos acolhidos por nossos companheiros, cada um na sua vibração particular, uns tiraram esse dia para descansar e outros escalaram grandes paredes assim como nós. Eletrizado pela adrenalina acumulada, degustamos uma cerve-

ja gelada, um prato de sopa quente e tome vinho tinto...

Há tempos não fazia uma escalada tão grandiosa na companhia de amigos ilustres, em particular do meu camarada Rodrigo Show. Muito feliz com o resultado do dia, com as belas imagens e vídeos que fizemos, ainda hoje três dias depois da escalada é possível fechar os olhos e repetir cada um dos seus lances em silêncio.

Na volta pra casa paramos em Bonsucesso para fazer um lanche e lá encontramos com Alexandre Portela que voltava de SP onde está trabalhando para sua casa. Impressionado com a verticalidade dos lances e pela quantidade de AO, perguntei a ele se aquela era a linha original da conquista ou se a mesma havia sido modificada após a reforma feita pelo UNICERJ. Ele confirmou que a linha é original, disse que gostava da via e ficou feliz com a nossa repetição. Os AO substituíram cabos de aço e grampos pés de galinha. Estes grampos estavam distribuídos a cada 5 ou 6 metros. O escalador precisava laçar os grampos para subir e para rapelar era necessário apoiar a corda neles. Legítima arte e malabarismo proporcionado pelo seu mentor. Obrigado Silvio Mendes pelo seu legado, espero que esse relato sirva de motivação para as futuras repetições e conservação da via.

Escaladas em Salinas

Gustavo Diniz (Juvenil)

Minhas primeiras escaladas em Salinas. É sempre bom conhecer novos lugares para escalar, ainda melhor quando se trata de Salinas. Tive a oportunidade de ir para lá pela primeira vez em julho desse ano, saí do Rio

com o Sebá, sem grandes escaladas à vista por nunca ter ido lá e voltei com escaladas incríveis na bagagem!



Além de ter passado 3 ótimos dias com alguns dos meus amigos do CERJ, pude escalar 3 vias: uma no Morro do Gato e duas no Capacete. No primeiro dia, Sebá e eu fomos fazer a Bode da Tarde, via fácil que não nos custou muito esforço. No segundo dia, nós conseguimos a companhia do Zezinho e aproveitamos sua experiência para entrarmos na CERJ.

A CERJ foi uma escalada fantástica! Gostei muito da via e foi muito divertido escalar com o Sebá e Zezinho juntos. Acabei guiando 7 dos 10 esticões à vista e sem grandes dificuldades.

No dia seguinte, seguimos Show e Dex na El Kabong, via que na minha opinião é bem mais difícil que a CERJ e completamente diferente. Logo no início, já tomamos um susto: Sebá começou guiando a via, mas teve dificuldade e pediu ajuda para o Show e Dex para descer. Quando voltou à base, eu assumi a guiada e ele me falou naquele jeito engraçado dele: "

Vai lá Gustavo, faz teu nome!". A guiada agora era minha! Acabei guiando a via toda à vista e foi bem difícil até vencer todos os lances de V, Vsup e VI grau. Após eles, eu já estava exausto e ainda restava metade da via, algo que eu nunca tinha experimentado nas escadas urbanas do Rio. Conseguimos terminar a via ainda com o dia claro e encontramos com Wal, Rafael e Zé que faziam a Sólidas Ilusões ao mesmo tempo que fazíamos a El Kabong. Rapelamos todos juntos e assim eu terminava minha primeira viagem a Salinas.

Foi realmente uma experiência muito boa. Não vejo a hora de voltar para lá e escalar outras várias vias que já tenho em mente. Só falta fechar as parcerias. Kmon?



Excursão à Pedra Azul

Myriam Jourdan Garrido

No início de agosto desse ano, e por cinco dias, estivemos (eu, Patrícia Rocha, Garrido e Carlos Bernardo) em Pedra azul, nordeste de Minas (e quase divisa com Bahia), distante do Rio quase 1.050 Km.

(da região) treinados por ele, fundou o CEPA (Centro Excursionista Pedra Azul).

Somente a Pat, não conhecia essa região, que antigamente era denominada "Fortaleza", pela sua topografia, caracterizada por vários e gigantescos monólitos de granito que a cercam. Atualmente, o nome de Pedra Azul, se deve à grande quantidade de águas-marinhas, que outrora, deu riqueza e fama internacionais à cidade.

O potencial de vias a serem conquistadas lá é enorme, porque há paredões gigantescos (e

Em 1975, alguns cerjenses, como Leuzinger, Bernardo, Sérgio Bahia, Paulo Boaventura, dentre outros, conquistaram o Forno de Bolo, um pão de açúcar, com quase 550 m de via (sem nenhuma grampeação àquela época; hoje com 14, apenas...), Pedras Formosa e da Conceição (símbolo da cidade).



Voltaram depois, em 1976, com outros escaladores do Carioca, além do Garrido, conquistando a Pedra Grande de Almenara, a 45 Km de Pedra Azul. Pela distância e com os poucos recursos materiais que se dispunham naquela ocasião, essas conquistas se tornaram um grande feito.

para todos os lados). Perto de Pedra Azul, tem o Vale dos Sonhos, no município de Medina, outra grande formação rochosa, com uma conquista do André Ilha, inclusive.

Bernardo continuou indo lá inúmeras vezes, conquistando outras vias e com escaladores

Eu e Patrícia (como mandou bem essa garota!) estivemos em 03 cumes (Pedra da Conceição, que se eleva a mais de 400m, com seus 562 degraus de cimento e permitindo uma visão total de Pedra Azul; Forno de Bolo; e Pedra da Cabeça Torta, esta última um bloco granítico, a 20 Km de Pedra Azul, extensão

de 520m de escalaminhada e com uma conquista em andamento, pelo Bernardo e escaladores locais). Além da tentativa de escalar o Paredão Palmeirinha, abortado pelo calor terrível que fazia.

Há que se ressaltar, que o Forno de Bolo foi guiado por Gomes, um conhecedor da via, mesmo assim tendo enorme dificuldade de encontrar alguns dos grampos. Isso se deve ao fato de que (além do distanciamento entre eles) a vegetação ser constituída quase exclusivamente por bromélias espinhosas, que se recompõe exuberante (ocultando os grampos), a cada incêndio anual. Tive essa sensação (de não achar os grampos), quando voltei lá com o Garrido, em outubro/2005).

Frustrados, cheios de espinhos e pê da vida, só atingimos o 4º grampo...

Devido à formação abrasiva da Pedra da Cabeça Torta, Garrido e Bernardo tiveram desoladas suas botas Snakes. Garrido, por causa disso (suas duas solas se soltaram, totalmente), não chegou ao cume e Bernardo (**mesmo dessolado**), **não ficou "desolado"**, batendo mais um grampo de conquista...).

Conquista da Pedra Grande de Almenara

Tudo começou com um vôo de retorno ao Rio de Janeiro, no longínquo ano de 1963. Eu voltava de Salvador (BA) para a cidade maravilhosa em um DC-3, que voava baixo, permitindo ampla visão do solo. Olhando pela janela vi belas montanhas rochosas e perguntei ao comandante onde estávamos. Ele respondeu: o rádio-farol é de Pedra Azul (MG). Impressionado e entusiasmado com as montanhas, comecei a alimentar a fantasia de um dia ir a Pedra Azul fazer algumas conquistas. Havia, porém, um grande problema, a distância. Em 1963 ninguém tinha carro. As passagens de ônibus eram caras para os bolsos da época. O material precário: cordas de sisal alcatroado, mochilas do refugio do exército e calçados china-pau e mosquetões sucupira, usados para obras civis. A distância de Pedra Azul para o Rio de Janeiro - 1.000 quilômetros. Por enquanto, o sonho era só sonho, não obstante, perseverei.

Passaram-se doze anos e finalmente conseguimos em 1975 realizar a primeira expedição. Eu já tinha uma Belina e o Paulo Boaven-

Das últimas vezes em que estive em Pedra Azul, com Garrido, Bernardo, Leuzinger e André Ilha (julho/2005) e outubro/2005 para cá, as estradas melhoraram bastante. E o fato de se ter o CEPA como um promissor núcleo de



escaladores já nos alenta os milhares de Kms que nos separam...

Além, é claro, da receptividade mineira e do esplendor de suas montanhas.

Claudio Leuzinger

tura uma variant. Lá fomos nós, eu, Véra Regina, minha esposa, Pauleca, Célia, Mariana e Marcela (filhas do Paulo, ainda pequenas), nosso saudoso Sérgio Bahia, Marcos Oliveira, Renata, e, como não poderia faltar, El-Bigodon, nosso caro Bernardo. Creio que não esqueci de ninguém. Foram conquistadas as montanhas Forno de Bolo e Pedra Formosa, e Morro da Conceição, no centro da cidade.

Além das naturais dificuldades técnicas e financeiras, havia outro problema a considerar. A região do Vale do Jequitinhonha era infestada de esquistossomose, doença transmitida por um caracol que proliferava nos rios. Assim, qualquer contato da pele com a água poderia infectar a pessoa. Dever-se-ia, portanto, tomar cuidados extremos com a água, e o Garrido não mediu esforços para nos conscientizar dos riscos.

Naquela oportunidade, em visita de cortesia ao prefeito, que, aliás, havia nos recebido com imensa hospitalidade, foi-nos informado

CAMINHADA DOS TRÊS



S NO PAR QUE
S PICOS...



sobre a existência da Pedra Grande de Almenara. O prefeito referiu-se à montanha como sendo MAJESTÁTICA. Destacava-se na paisagem, soberana e inexpugnável. Sobre ela, como só acontece nos sertões, havia muitas lendas, inclusive a sempre referida existência de um pote de ouro em seu cume.

No final daquela viagem fomos à Pedra Grande acompanhados do prefeito e de outra autoridade do município. Ficamos maravilhados. Realmente a montanha pairava soberana sobre o vale. Para montanhistas calejados era uma visão do paraíso.

Demos a volta na montanha e descobrimos atrás uma chaminé que terminava em negativo. Foi nossa primeira opção para a via de conquista. Muitas fotografias e no dia seguinte o longo retorno.

Passei um ano organizando a volta para a grande conquista. Verifiquei a impossibilidade de o CERJ arcar sozinho com os custos da ida, sobretudo com relação à carência de material. Acatando sugestão do Marcos, convidei o Carrioca a se juntar na empreitada, no que fui prontamente atendido.

Dessa forma, fomos, no decorrer do ano, juntando o material necessário, o dinheiro (**fizemos uma vaquinha por vários meses**), e verificando quem poderia ir. Foi formada a equipe, constituída por: eu, como o guia principal, José Garrido, Elton Fernandes, Carlos Bernardo e Paulo Boaventura, guias do CERJ e Eugênio Epprechet e Fernando Guimarães, guias do CEC. Uma variant e o jipinho Gurgel do Garrido formavam os meios de transporte. Em julho de 1976, finalmente, partimos.

Chegados a Pedra Azul fomos novamente cordialmente recebidos pelo prefeito, que nos instalou no Country Club de Pedra azul, onde ficamos confortavelmente alojados.

No dia seguinte, fomos para a base. Após algumas explorações, escolhemos a via, fronteira ao vilarejo de Pedra Grande, e montamos o acampamento na base. Iniciava-se uma epopéia com duração de uma semana. Como guia principal, fiquei boa parte do tempo no acampamento base, organizando as cordadas, as mochilas de ataque, e tudo o mais necessário à conquista. Os demais guias revezavam-se no ataque e no apoio. Trabalho duro de colocar grampos com broca e marreta

e encordar a via. Subidas e descidas diárias. Uns poucos dias depois, caiu um toró daqueles e a noite foi tempestuosa. Pela manhã constatamos que não poderíamos continuar o trabalho, de forma que nos demos um descanso de uma noite, quando retornamos a Pedra Azul para nos reabastecer de provisões de boca.

Retomados aos trabalhos. Finalmente, no dia 23 toda a equipe subiu junta para a conquista do último trecho da via. Ao cair da noite chegamos ao cume. Molhados pela chuva e cansados, éramos só alegria. Erigimos, então, a pirâmide de pedra, símbolo da conquista, no cume. Após soltamos o primeiro rojão, de um lote que nos haviam dado para festejarmos a vitória, surpresa! Quando da explosão, um mundo de rojões foram queimados lá embaixo. É que a notícia da iminente conquista havia se espalhado na região e centenas de pessoas haviam se deslocado, a maior parte de pau-de-arara, para os campos do entorno.

Alojamo-nos, como pudemos, junto a uma pedra no cume e à noite inteira ouvimos os batuques do povo lá embaixo. Chovia bastante.

No dia seguinte iniciou-se o árduo trabalho de desencordar a parede, reunir o material todo, o que nos tomou o dia inteiro. Chegados à base, no final da tarde, fomos convidados pelo Prefeito de Almenara para ir à cidade, o que não aceitamos devido ao cansaço e ao estado de nossas roupas, encharcadas, e mais a fome, o desejo de um banho e cama.

Pedra Grande de Almenara havia caído em razão da competência de uma equipe de escaladores de primeira grandeza entre os dias 23 e 24 de julho de 1976.

A parede possui 350 m de altura e a via cerca de 400 metros de extensão. O grau a ela atribuído é 6º IV sup. Informações técnicas podem ser obtidas na croquieta do CEC.

Ao que sei, a via não foi repetida e existe, ainda, a bela chaminé na parte de trás, convidando os guias de hoje à conquista.

Alguns fatos chistosos. Eu, durante a conquista, era chamado pelo povo humilde do lugar de **"o chefe da expedição"**. O Garrido, em razão de seu generoso coração, atendeu como médico a um monte de gente. Por isso até

PEDRA GRANDE DE ALMENARA — MG

Classificação: 6º grau - IV sup

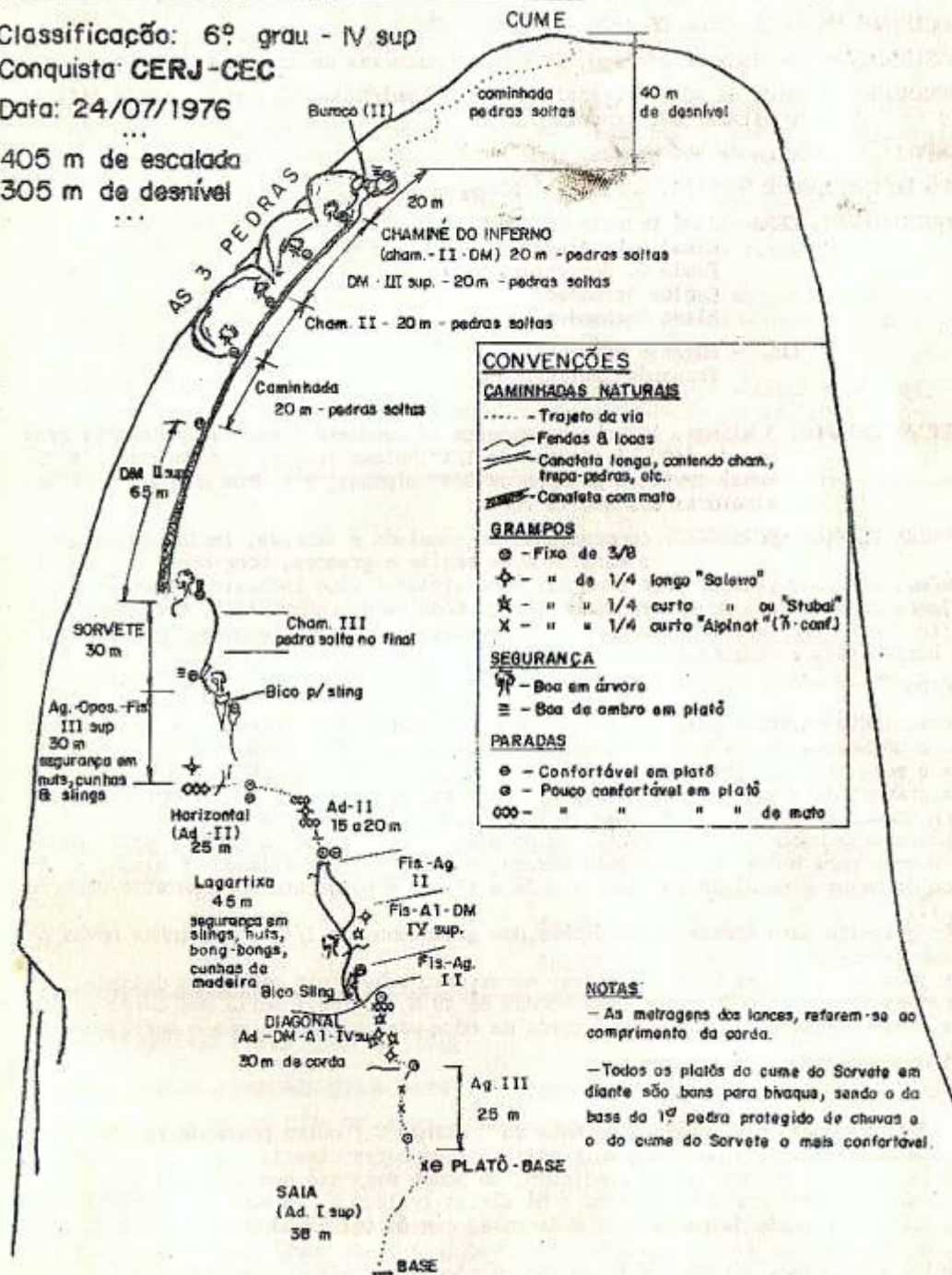
Conquista: CERJ-CEC

Data: 24/07/1976

405 m de escalada

305 m de desnível

CUME



CONVENÇÕES

CAMINHADAS NATURAIS

- - Trajeto da via
- ~~~~~ - Fendas & locais
- Cancheta longa, contendo cham, trapa-pedras, etc.
- Cancheta com mata

GRAMPOS

- ⊙ - Fixo de 3/8
- ⊕ - " de 1/4 longo "Soleira"
- ☆ - " " 1/4 curto " ou "Stuba"
- X - " " 1/4 curto "Alpinat" (7º conf.)

SEGURANÇA

- ⊙ - Boa em árvore
- ≡ - Boa de ombro em platô

PARADAS

- ⊙ - Confortável em platô
- - Pouco confortável em platô
- - " " " " de mata

NOTAS

- As metragens dos lances, referem-se ao comprimento da corda.
- Todos os platôs do cume do Sorvete em diante são bons para bivaca, sendo o da base do 1º pedra protegido de chuvas e o do cume do Sorvete o mais confortável.

hoje ele é lembrado. Fato curioso é que, quando retornamos em 2005 (trinta anos depois da conquista) à Pedra Grande, o dono da cantina local informou que o Garrido havia morrido. O defunto estava ao lado do senhor e ouvindo a notícia. Foi uma risada geral. O Bernardo também ficou famoso devido à atenção com que atendia a todos, explicando com muita paciência os mistérios da escalada. Anos depois viria a desenvolver importante trabalho de montanhismo na cidade, fundando, inclusive, o clube de montanhistas de Pedra Azul e formando os primeiros guias locais. Há pouco tempo digitalizei vários filmes Super-8 de montanha das décadas de sessenta e setenta, inclusive o da conquista da Pedra Grande. Na primeira oportunidade vou ao CERJ passá-los. Faz parte de nossa história.

Os fatos aqui narrados foram produto em sua maior parte de minha memória, já passados trinta e cinco anos. Pode ser que eu tenha sido impreciso em alguns trechos. De modo que se alguém tiver algo para completar ou para corrigir a narrativa, caso haja algum erro, esteja à vontade.

Creio que essa conquista, devido à distância do Rio, gigantesca para a época, as dificuldades técnicas e financeiras, e, por fim, a possibilidade de reunir as pessoas com tempo para a empreitada, foi um feito que honra e enriquece as tradições de nosso querido CERJ.

VIII ENCONTRO DE MONTANHISTAS VETERANOS

Data: 25 de outubro de 2011 (terça-feira)

Horário: a partir das 17h

Local: Centro Excursionista Brasileiro - CEB
Av. Almirante Barroso nº 2, 8º andar - Centro
Rio de Janeiro - RJ



*As Montanhas são uma espécie
de Reino Mágico...*

Compareça!

Falecimento...

O CERJ comunica o falecimento de Vanda Gerritse, esposa do Jacobus. O CERJ se solidariza com sua filha, Mônica, e seu

irmão Leo, também montanhista do CERJ, assim como toda sua família e amigos....

Tudo começou em novembro de 2009 com uma caminhada a Pedra D'Anta com incríveis vinte e cinco participantes. Comecei então a visitar as montanhas do Parque Estadual dos Três Picos. Em setembro de 2010 veio a Branca de Neve com mais vinte e duas pessoas e passei então a visitar e conhecer as montanhas que compõem o Parque Estadual dos Três Picos.

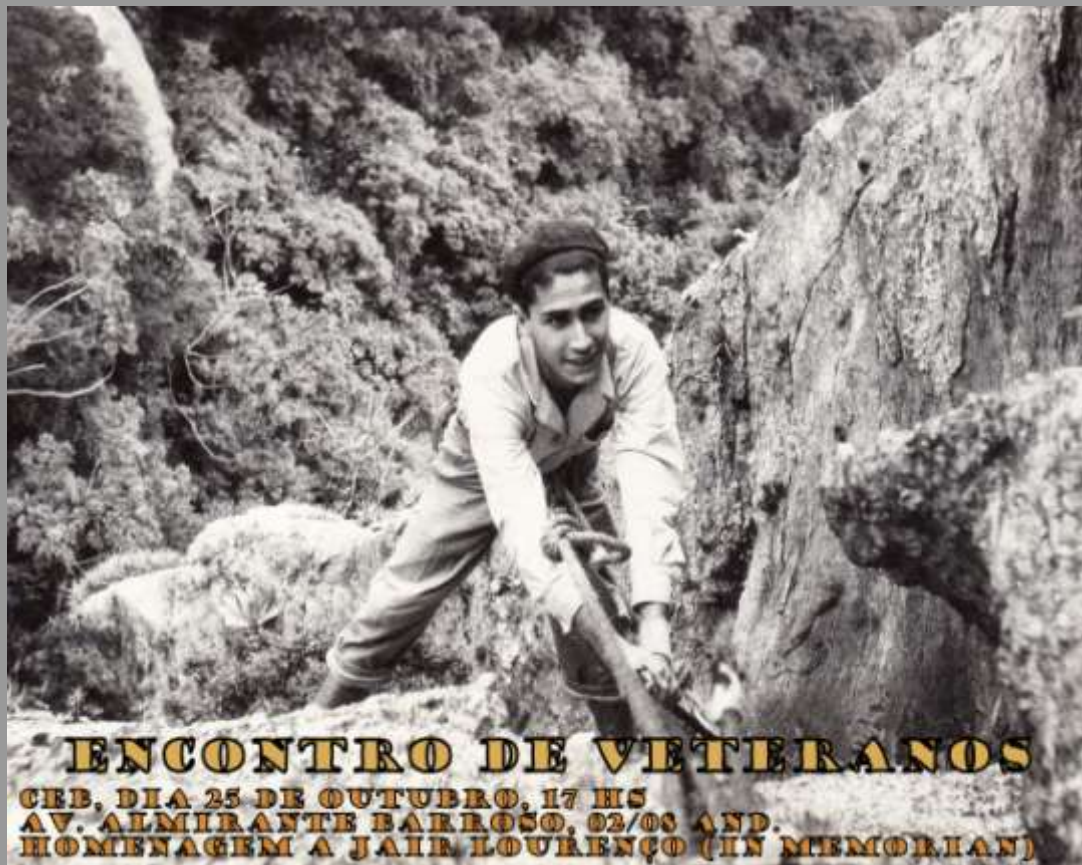
Este ano abri outras duas pranchetas que deram muito IBOPE: Mulher de Pedra (testa) com dezesseis participantes e o Buraco do Ouro com vinte e dois participantes.

Tem também as idas ao PETP sem serem excursões oficiais, onde já subimos os Dois Bi-

cos do Vale da Sebastiana e o Nariz da Mulher de Pedra. Essas idas, geralmente em dia de semana, conta também com idas apenas exploratórias....luxo.

O parque conta seguramente com mais de cinquenta montanhas e várias paredes ainda virgens de vias de escaladas. Com este potencial todo a ser explorado, significa que o CERJ ainda contará com muitas excursões a este paraíso de montanhas...

(As fotos destas excursões estão na página central do boletim.)



Caminhada dos Veteranos: uma ideia para ser desenvolvida.

Participo anualmente das homenagens, que o Cláudio Aranha e colaboradores organizam no CEB, para os veteranos da montanha. Vejo com alegria a confraternização entre as diferentes gerações que acontece nos salões do CEB, numa noite, geralmente entre os meses de setembro ou outubro.

Quando fui convidado a exercer a direção da área social do CERJ, me veio à lembrança a reunião que acontece no clube coirmão e pensei como poderia ampliar essas homenagens a aqueles que não esquecem o montanhismo, mesmo não tendo condições físicas para praticá-lo.

Lembrei-me da ATM, uma grande confraternização de montanhistas e visitantes curiosos que querem entender como se chega lá em cima. Alguns veteranos costumam aparecer, mas não se percebe uma ideia de homenagem a eles; é mais um recordar e um bate-papo com alguns companheiros.

Então, por que não organizar uma atividade de montanha mesmo? Uma caminhada! Uma escalada! Seria absurdo? Os velhinhos não estarão dispostos a voltar à montanha? Claro que sim! A questão é organizar a atividade!

Resolvi, a título de experiência, organizar uma caminhada leve no PNT! Primeiramente fui consultar o mapa de trilhas do parque e escolher uma que fosse fácil e com boa acessibilidade. Depois, resolvi percorrer com minha mulher algumas trilhas consideradas fáceis e

logo apareceu o Caminho da Cova da Onça. Trilha relativamente sem acíves fortes, percorrendo a faixa de 480m de curva de nível, sem grandes alterações.

Escolhida a trilha, a questão fundamental foi definir o dia, pois a temporada de montanha esse ano esteve sempre com as datas tomadas por programações imperdíveis, mas a **visão do Rafael Villaça foi providencial: "Marca logo no dia 17/07 que a turma se ajeta!"** Aí começaram as dificuldades, por conta de tantos outros projetos de atividades ocorrendo paralelamente.

Outro problema foi conseguir convidar em tempo hábil os veteranos. O caso do Tadeuz Hollup foi bem característico! Encontrei com ele na rua, pois somos vizinhos de bairro, e comentei sobre o projeto. Tadeuz logo se entusiasmou e disse: **"Quando definir o dia me avise que eu e Cyonira iremos!"** Carrozzino e Rafael fizeram alguns contatos, mas a data já estava em cima. Suelly (sócia n. 2 do CEG) contactou seus velhinhos (algo como 12), mas eles desistiram quando souberam que seria no dia do jogo do Brasil contra o Paraguai. Eu juro que não roguei praga!!!!

Subi na sexta (15) para a Pedra do Sino e retornei no sábado, véspera da caminhada. A Milena se prontificou a levar o isopor do CERJ na quinta (14) e comprar gelo no domingo pela manhã (sempre corre a dúvida de se encontrar gelo no domingo de manhã, mas não houve problemas). Fui para a Praça Afonso Vizeu sem muita esperança de aparecer



muitos veteranos, mas com a certeza do Tadeuz, Carrô, Zé Kili e Genoveva ... mas eis que aparecem 18 pessoas somando 974 anos... foi uma surpresa agradável!!!

A ideia agora é de organizarmos uma concentração (Bom Retiro, Grajaú ou Praia Vermelha) e deixar que os montanhistas montem suas próprias atividades de acordo com as suas capacidades. Jovens levando os veteranos para escaladas ou veteranos guiando jovens em trilhas ou vias!

A ideia está lançada... vamos definir algo como o segundo domingo de julho para essa atividade e fazer uma boa propaganda durante a ATM. Poderemos aproveitar a já clássica reunião dos veteranos no CEB desse ano para propagarmos esse projeto para o ano que vem! Obrigado pelas ideias Patrícia!!!



Conto com a ajuda de todos!
Roberto Schmidt de Almeida
Diretor Social

Circuito Açú, Castelitos, Cubaio

Waldecy

A parada foi punk...no sábado, nuvens pretas carregavam o céu petropolitano. Chegou a garoar. Durante o café, em Correias, decidimos tocar direto pro Açú, já que tínhamos comprado o pernoite do Abrigo. Durante a caminhada o tempo melhorou muito. Bom, aí já era. Decidimos então fazermos o circuito no domingo. Caminhada tranquila até os Castelos do Açú. Por do sol sem preço...abrigo extremamente confortável...

Domingo, a Andreza, que já havia sentido câimbras resolveu descer direto pro Bonfim. Ficamos pra travessia eu, Flavia, Ricardo "Draga", Velho e Miriam Bamos. Pegamos o caminho da travessia e, no Morro da Luva, começamos a brincadeira. Até o cume do Morro da Luva (que já fica fora da Travessia) foi um passeio. Dai realmente começou a brincadeira. Foi uma luta pra vencermos o capim de Anta mas conseguimos chegar nos Castelitos. Visual impressionante de um cume pouquíssimo visitado...uma pena. De lá, navegamos entre lajes, capins de anta, ta-

quarinhas até pegarmos o colo de subida pro Cubaio. Do Cubaio, um monstruoso toca pra baixo até a revigorante cachoeira do Véu da Noiva...de lá, toca pra baixo pra portaria. Jantar no Bonfim...luxo do luxo...

Fiz este circuito em 1998 quando era guia do Carioca. Estávamos eu, Ricardo de Moraes, Teresa, Hernado, Kate (que tá voltando as caminhadas!), Silvio. Caramba, como éramos corajosos...fizemos este circuito com um mapinha safado e bussola. E num dia!! Metemos a cara e fomos...espetáculo. Agora mais covarde, marquei todo o circuito no GPS....ahahah....

Tempos anotados no domingo...

Saída do Abrigo: 7:18

Chegada a Luva: 9:33

Chegada nos Castelitos: 11:13

Chegada no Cubaio: 13:20

Chegada na Portaria: 18:13

Coisas legais:

- Disposição da Miriam Bamo...caraca, a mulher é um trator!! A Miriam é a única guia do CERJ em atividade...atividade que eu digo é que bota a mão na massa, organiza excursões, etc. Sim, é um puxão de orelha na mulherada...
- Flavia...única representante do CEG...outro puxão de orelha no clube co-irmão...
- Draga...virou parceiro...o Faminto tá comendo montanha...
- Velho...sempre o Velho...24 horas botando pra baixo o circuito, na hora se empolga e se

transforma no verdadeiro montanhista que é...

- Andreza...valeu pela subida do Açú, não deu pra ir no Circuito mas curtiu pacas o fds e isso é muito bom...

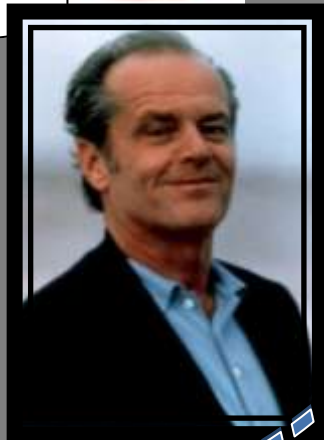
Faltaram vários companheiros que iriam curtir a empreitada...montanhismo clássico na veia. Visitamos pontos remotos da nossa Serra dos Orgãos. Pontos outrora até visitados...agora totalmente abandonados. Vou levar outros 13 anos pra voltar lá...



Caius Rollando da Rocha



Amigos...estas figuras ai de baixo são sócios muito famosos do nosso CERJ. Você os conhece? Resposta certa no próximo boletim.



Amigos...continuando nosso Quis...a quem pertencem esses lindos pézinhos??? Resposta no próximo boletim...



Figuração do mês...



Centro Excursionista Rio de Janeiro

Fundado em 20 de janeiro de 1939

Sede Própria: Av. Rio Branco, 277/805
Edifício São Borja – 20047-900
Rio de Janeiro – RJ

Tel: 0 xx 21 2220-3548

WWW.cerj.org.br

Cerj@cerj.org.br

Reuniões sociais:

Quintas-feiras a partir das 20 horas